II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
PORTUGUÊS DO SEMIÁRIDO:
CONSTRUÇÕES DE TÓPICO OU FIGURAS DE SINTAXE?

Jacson Baldoíno Silva (UNEB)

jacsonsilva@outlook.com

Cleber Aragão Araújo (UNEB)

clebberaragao@outlook.com

Lucia Maria de Jesus Parceró (UNEB)

Imparceró@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a desconstrução da homogeneização linguística proposta pelas instituições, particularmente a escola. Esta, a partir das gramáticas normativas toma a língua como algo estático, homogêneo, que se articula num único sistema de predicação do tipo “sujeito-predicado”. Contudo, essa forma de predicação não satisfaz todas as necessidades gramaticais de definição das regras da língua e esses déficits geralmente são abordados pelas gramáticas normativas como figuras de linguagem, pensamento ou sintaxe, que são definidas como superabundâncias, desvios, lacunas etc., mas, observando essas construções linguísticas a partir das estruturas de “tópico-comentário”, percebemos que são construções de tópico – evidenciando a dupla predicação do português brasileiro. Essa distinção entre “sujeito” e “tópico” é ignorada pelas gramáticas normativas e, consequentemente, pelas escolas no ensino da língua. Assim, o presente trabalho se propõe, a partir dos pressupostos teóricos da gramática gerativa, no que corresponde às construções de tópico, a estabelecer uma relação entre estas e as definições das “figuras de sintaxe” fornecidas pelas gramáticas normativas. O corpus analisado é de entrevistas selecionadas da *Coleção Amostra da Língua Falada no Semiárido Baiano* (2008). E definem-se como objetivos deste trabalho: (i) seleção das construções de tópico encontradas nas entrevistas; (ii) comparação dessas construções com as definições de “figuras de sintaxe” encontradas em algumas gramáticas; (iii) comprovação de que as construções definidas como figuras de sintaxe são construções de tópico. Os resultados apontam que algumas das construções definidas como “figuras de sintaxe” possuem uma estrutura de construções de tópico, sendo a sua marginalização linguística um fator social.

Palavras-chave: Português do Semiárido. Tópico. Figuras de Sintaxe.

1. Introdução

O presente trabalho se propõe a uma discussão sobre as definições trazidas pelos compêndios de gramática normativa sobre as construções que invertem a ordem canônica – Sujeito-verbo-complemento (SVX) – das frases no português brasileiro. Essa inversão, geralmente, é definida como “figuras”, ganhando algumas páginas no final desses compêndios. Com isso, propomos uma desconstrução dessa homogeneização lingüística

tica imposta pelas gramáticas normativas no ensino da língua; para as quais todas as construções que se afastam da ordem canônica são definidas como vícios, desvios ou má formações. No entanto, percebemos que algumas dessas construções são o resultado de uma busca de maior expressividade linguística por parte do falante e que, se observadas a partir de outra forma de predicação, são coerentes em sua estrutura.

Assim, o presente trabalho se propõe analisar as definições e estruturas dessas "figuras" a partir das construções de tópico que se estruturam numa predicação de tópico-comentário. Recorrendo à tipologia de Li e Thompson (1976 *apud* PONTES 1987), segundo a qual o português pode estruturar-se tanto numa predicação de sujeito-predicado, como de tópico-comentário. Tomando como dados um *corpus* de língua materna oral.

Primeiramente, apresentamos os conceitos de "figuras" na visão das gramáticas normativas, e os conceitos de construções de tópico na visão da linguística gerativa. Depois, apresentamos a metodologia utilizada para a construção deste trabalho que se baseou na pesquisa bibliográfica e na análise de dados. Seguindo, apresentamos a análise dos dados, na qual comparamos as definições das chamadas "figuras de sintaxe" com as de "construções de tópico", tomando como exemplos dados do *corpus*. E, por fim, consideramos que as "figuras de sintaxe", se analisadas a partir da predicação tópico-comentário, apresentam estrutura de "construção de tópico" que não devem ser consideradas nem superiores, nem inferiores, mas realizações reais e possíveis dentro do português brasileiro.

2. Pressupostos teóricos

2.1. A visão das gramáticas tradicionais

Os compêndios de gramática normativa são os responsáveis por legalizar/normatizar determinadas construções linguísticas como padrão ou não padrão. Esses compêndios partem do pressuposto de que a língua se articula, sempre, numa relação de predicação de "sujeito-predicado". Com isso, todas as estruturas linguísticas que alterarem essa ordem serão discriminadas, rejeitadas, consideradas como estruturas mal-formadas. Comparadas, segundo Celso Cunha e Luís Felipe Lindley Cintra, "com frequência, a superabundâncias, a desvios, a lacunas nas estruturas tidas por modelares" (2001, p. 619).

(1) "Seguimos. *Curva os bambuais o vento*" (Olavo Bilac).

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Na ordem padrão: "O vento curva os bambuais".

- (2) "A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes". (C. Drummond de Andrade)
- (3) "*Domingo* irás à festa".⁶

Percebemos em (1) um desvio da ordem-padrão (SVX), na qual o sujeito aparece posposto ao verbo e ao seu complemento, apresentando uma estrutura VXS. E a própria gramática normativa – sem considerar contextos possíveis – indica como deveria ser a frase na ordem padrão. Em (2) temos o apagamento da forma verbal "era", sendo marcada por uma pausa sensível, a vírgula. Já em (3) há também um apagamento, mas agora de uma preposição, e o deslocamento do sintagma nominal "domingo" para o início da sentença.

Assim, como dizer que algo é superabundante se é necessário em certas situações comunicativas? E como chamar de desvio algo que é comum entre quem fala/ouve e escreve/ler? E se as informações linguísticas necessárias à interpretação da produção linguística – seja ele oral ou escrita – estão também no contexto de produção, como falar em lacunas? As produções linguísticas, portanto, devem ser consideradas dentro do seu contexto e se respondem àquilo que seus produtores esperam, ou seja, se correspondem à "intenção do autor" (FARACO & MOURA, 1999, p. 571) e expectativa do receptor. Percebe-se, portanto, que há uma supervalorização da norma culta, considerada a "variedade ariana" em relação às outras variedades existentes.

Para Celso Cunha e Luís Felipe Lindley Cintra (2001) as "figuras" são estruturas que nem sempre se organizam a partir de uma coesão gramatical, sendo isso consequência da busca de uma maior expressividade, levando o falante à produção de construções diferentes das ditas modelares – ou seja, a ordem canônica é modificada.

Segundo Carlos Emílio Faraco e Francisco Marto de Moura (1999), toda produção linguística se faz a sobre "uma intenção do autor" (p. 571), ou seja, existe uma atuação direta do falante sobre sua língua, com um "objetivo prático a alcançar" (p. 571). Sendo a consequência dessa intenção a "construção de frases que divergem do uso utilitário da língua" (p. 572). Portanto, para os autores, "figura é um recurso de lin-

⁶ Exemplos retirados de Faraco & Moura (1999, p. 573), Cunha & Cintra (2001, p. 624) e Bechara (2005, p. 592) – respectivamente –, com grifos dos autores.

guagem que consiste em apresentar uma ideia por meio de combinações incomuns de palavras. A figura resulta de um desvio da norma” (p. 572).

Já Evanildo Cavalcante Bechara (2005) não se preocupa em dar nenhuma definição geral do que considera como figuras de sintaxe, apresentando somente cada uma em particular. Percebemos, portanto, que existe uma convergência entre a definição dos autores: as figuras de sintaxe são estruturas que fogem da ordem canônica com um determinado objetivo, seja de intenção como afirmam Carlos Emílio Faraco e Francisco Marto de Moura (1999), seja em busca de uma expressividade, como dizem Celso Cunha e Luís Felipe Lindley Cintra (2001).

Com relação a essas "figuras", existem muitas nomenclaturas nos compêndios normativos que trazem definições semelhantes entre si. Devido a essas convergências, adotamos nesse trabalho apenas algumas nomenclaturas; contabilizando sete definições de "figuras". Contudo, antes de se definir cada uma dessas figuras é importante estabelecer uma distinção entre elas. Essa distinção, geralmente, não é feita pelos gramáticos, e aqui, dentre os gramáticos abordados, é feita somente por Carlos Emílio Faraco e Francisco Marto de Moura (1999).

Segundo estes autores é necessário fazer uma distinção ao se falar em "figuras", para eles estas podem ser classificadas em três grupos. O primeiro deles são as *figuras de palavras* que são as responsáveis por empregar a palavra “num sentido diferente do seu sentido convencional, ou seja, quando ocorre um desvio de sentido” (p. 573) – (4). O outro grupo são as *figuras de pensamento*, que “ocorrem toda vez que um enunciado expressa uma ideia diferente daquela que sua forma linguística parece indicar” (p. 573) – (5). E o terceiro grupo corresponde às *figuras de construção*, ou as definidas figuras de sintaxe, que “decorrem da disposição inesperada, incomum das palavras na frase ou ainda de concordância irregular. São consequência de um desvio na estrutura-padrão da frase” (p. 573) – (6).

(4) Aníbal já tinha ido às raízes de sua vida (Paulo Mendes Campos).

(5) Moça linda bem tratada
três séculos de família,
burra como uma porta: *um amor* (Mário de Andrade).

(6) A hora era de muito sol – o povo caçava jeito de *ficarem* debaixo da sombra das árvores de cedro (Guimarães Rosa).⁷

⁷ Exemplos retirados de Faraco & Moura (1999, p. 573), com grifos dos autores.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Percebemos, então, uma definição equivocada quando se definem determinadas estruturas como figuras de sintaxe, porque estas são as responsáveis pela inversão na estrutura da frase e não pela mudança de sentido das palavras, como as figuras de palavras. Com isso, adotamos neste trabalho o conceito de "figuras de sintaxe" por se referirem à organização dos constituintes na sentença.

Assim, a primeira figura de sintaxe a ser definida⁸ é o *anacoluto* que apresenta na sua construção sintática uma mudança, marcada geralmente por uma pausa sensível; nessa o sintagma que quebra essa estrutura não possui uma relação sintática com o restante da frase – (7). Já a *anástrofe* é responsável somente pela inversão da ordem canônica dos constituintes, possuindo os mesmos uma relação sintática entre si – (8). Da mesma forma o *hipérbato* é responsável por uma inversão “violenta” na estrutura-padrão da sentença; considera-se “violência” o apagamento, seja na forma fonética, seja na forma lógica, de algum dos constituintes da sentença – (9). A *anadiplose* é a responsável pela repetição no início da sentença de uma oração ou verso da anterior – (10). A *apóstrofe* é definida pelos autores como uma invocação ou interpelação do ouvinte/leitor – (11). Já a *elipse* é a omissão de palavras, seja por estarem subentendidas no contexto de produção linguística, seja por já terem sido expressas anteriormente na oração – (12). Por fim, tem-se a *repetição* ou *reduplicação* que acontece quando há uma repetição de palavras ou expressões com o objetivo de reforçar uma ideia – (13).

(7) Bom! bom! *eu parece-me* que ainda não ofendi ninguém! (J. Régio)

(8) Vingai a pátria ou valentes
Da Pátria tombai no chão. (F. Varela)

(9) *Essas que ao vento vêm*
Belas chuvas de junho. (J. Cardoso)⁹

(10)“Ofendi-vos, meu Deus, é bem *verdade*
verdade é, meu Senhor, que hei *delinquido*
delinquido vos tenho, e *ofendido*;
ofendido vos tem minha maldade”. (Gregório de Matos)

(11)*Cristina*, talvez um dia eu a entreviste. (Cecília Meireles)

(12)Toda a cidade [estava] parada por causa do calor. (Aguinaldo Silva)

⁸ Nas definições omitiu-se a referência aos autores devido à junção dos conceitos dos mesmos, com um objetivo didático.

⁹ Exemplos de Cunha & Cintra (2001) para as respectivas figuras de sintaxe.

(13)– Também lá na minha *terra*
de *terra* mesmo pouco há. (João Cabral de Melo Neto)¹⁰

2.2. A visão da linguística¹¹

Para as gramáticas normativas a sintaxe refere-se à colocação dos constituintes na sentença, mas, como diz Eduardo Kenedy (2013), a sintaxe não se resume “aos estudos das funções sintáticas, das regras de concordância e de colocação de termos na frase” (p. 179) – ainda que passe por elas – mas faz parte de um processo cognitivo humano:

“Sintaxe” é, portanto, a fração da nossa cognição linguística que lida com sintagmas e frases. É a nossa habilidade de combinar unidades do léxico para formar e identificar representações complexas de maneira recursiva, gerando as orações e os períodos que compõem os discursos. Descobrir *como é* a natureza da sintaxe no interior de nossas mentes é um dos principais empreendimentos da linguística gerativa. (p. 178)

Devido à brevidade deste trabalho não se desenvolverá a questão dessa habilidade recursiva presente na mente dos falantes. Mas é de suma importância para este trabalho entender que as representações linguísticas são geradas na mente humana a partir de combinações recursivas, que “consiste na capacidade de produzir, com recursos sintáticos finitos, quantidade infinita de sentenças”. (MUNHOZ, 2011, p. 14)

A recursividade está ligada à criatividade que é um dos atributos através do qual os seres humanos podem agir de maneira criadora em situações linguísticas específicas, ou seja, segundo Ana Terra Munhoz (2011, p. 14), é através da recursividade que os falantes “podem proferir e compreender sentenças imprevisíveis, isto é, produzidas independentemente de estímulo, embora condicionadas por limites gramaticais” – ou seja, mesmo a criatividade linguística do falante tem uma ligação com a sintaxe. Assim, Mário Eduardo Martelotta (2013) afirma que com o gerativismo as línguas deixam de ser interpretadas como um comportamento

¹⁰ Exemplos de Faraco & Moura (1999) para as respectivas figuras de sintaxe.

¹¹ A necessidade de um subtópico que veja a sintaxe como o processo cognitivo se dá pelo fato das construções de tópico não se situarem apenas no plano formal, mas se construírem, também, na mente dos falantes. Por isso, é preciso ver o uso da língua (e seu ensino) não apenas de um ponto pedagógico – como propõem esse trabalho ao discutir figuras de sintaxe e construções de tópico –, mas de um ponto científico, porque para “um pesquisador gerativista, a linguagem faz parte da composição biológica humana”. (MUNHOZ, 2011, p. 14)

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

socialmente condicionado e passam a ser analisadas como uma faculdade mental natural.

Percebe-se, então, que as construções que se distanciam da estrutura canônica são consequência de uma maior expressividade, intenção e criatividade por parte do seu produtor. Com isso, propomos que tais estruturas sejam analisadas a partir da predicação do tipo "tópico-comentário", com o objetivo de desconstruir a homogeneização proposta pelas gramáticas normativas. A partir desse tipo de predicação, segundo Li & Thompson (1971 *apud* PONTES, 1987), juntamente com a de sujeito-predicado, podemos definir quatro tipos de línguas:

- a) línguas com proeminência de sujeito, em que a estrutura das sentenças é mais bem descrita como de sujeito-predicado;
- b) línguas com proeminências de tópico em que a estrutura das Ss é mais bem descrita como de tópico-comentário;
- c) línguas com proeminência de tópico e sujeito, em que há as duas construções diferentes;
- d) línguas sem proeminência de sujeito ou tópico, em que o sujeito e o tópico se mesclaram e não se distinguem mais os dois tipos. (p. 11)

Durante muito tempo acreditou-se que o português brasileiro fosse uma língua de primeiro tipo, no qual as estruturas são, predominantemente, do tipo sujeito-predicado. Por isso, a definição de determinadas estruturas como figuras de sintaxe, ou seja, são estruturas que fogem da ordem canônica desse tipo de predicação, servindo não como modelos, mas somente como "figuras". Contudo, Eunice Pontes (1987) afirma que "não é exagero pensar que se Li & Thompson estão certos em sua proposta de tipologia, o português é no mínimo uma língua de terceiro tipo, em que as duas noções são proeminentes" (p. 39). Assim, sendo o português uma língua de proeminência tanto de tópico como de sujeito, na qual essas duas formas de predicação estão de tal maneira mescladas que se torna difícil a sua distinção, como afirma Eunice Pontes (1987), não se pode "rejeitar" determinadas construções como as figuras de sintaxes e colocá-las fora dos compêndios normativos, como acontece em Carlos Emílio Faraco e Francisco Marto de Moura (1999) e Evanildo Cavalcante Bechara (2005) que as colocam como um apêndice¹².

¹² Este é um elemento adicional ao texto, utilizado somente para completar uma argumentação. No caso das gramáticas normativas de que o português brasileiro é uma língua de proeminência de sujeito-predicado e tudo que fugir dessa estrutura é relegada.

Segundo Edivalda Alves Araújo (2009) as estruturas de tópico-comentário são sentenças que se articulam tanto no plano sintático, como no plano discursivo¹³, sendo, portanto, uma estrutura sintático-discursiva. Sintática porque alguns tópicos possuem um lugar “canônico” na sentença, sendo somente deslocados à esquerda ou à direita. Já discursivamente o tópico serve como um direcionamento, uma sinalização daquilo que o produtor pressupõem ser uma informação conhecida do ouvinte – essa organização refere-se à estrutura da informação. E esta refere-se à distribuição dos elementos linguísticos na sentença, construindo, assim, o *status* informativo dos elementos linguísticos – velho ou novo – como afirma Araújo (2006). A identificação de um tópico, de acordo com essa perspectiva, depende da sua localização em um determinado contexto, uma vez que a sua função é indicar também sobre o que se está falando¹⁴.

Atualmente, existe um considerável número de pesquisas relacionadas às construções de tópico e, por isso, não se desenvolverá aqui essas construções. Contudo, durante a análise de algumas estruturas encontradas no *corpus*, precisaremos definir as construções de tópico encontradas, para isso adotamos a tipologia proposta por Edivalda Alves Araújo (2009) em pesquisa da “gramática das comunidades rurais afro-brasileiras isoladas” (p. 231). Segundo a autora encontrou-se oito tipos de construções de tópico¹⁵, sendo a *topicalização do objeto direto* na qual o termo topicalizado/deslocado é um sintagma com a função de objeto direto, podendo ou não ser retomado na sua posição interna à oração – (14). O *tópico pendente com retomada* mantém uma relação semântica com a sentença, mas possui um lugar interno à oração, sendo retomado neste por um elemento equivalente – pronome ou expressão genérica – (15). É essa retomada interna à oração que o diferencia do *tópico penden-*

¹³ Entenda-se discurso como “qualquer fragmento conexo de escrita ou fala. Um discurso pode ser produzido por uma única pessoa que fala ou escreve, ou também por duas ou mais pessoas que tomam parte numa conversação ou, mais raro, numa troca de escritos” (TRASK, 2004, p. 84). Mais especificamente, para esse trabalho “discurso” remete-nos à Linguística Textual e pode ser definido como o “estudo das unidades linguísticas amplas, cada uma das quais tem uma função comunicativa definida”. (TRASK, 2004, p. 84)

¹⁴ É essa relação com o contexto que Faraco & Moura (1999) definem como intenção do autor, objetivo prático a alcançar – seja em produções escritas ou orais essa relação está presente. Esse “contexto” é ainda o responsável pela busca de uma “maior expressividade” apresentada por Cunha (2001, p. 619) ao definir as figuras de sintaxe.

¹⁵ Tem-se consciência de que esses oito tipos não esgotam as definições das construções de tópico, mas, devido à brevidade deste trabalho, utilizaremos delas e haverá uma adequação dos dados a essas definições.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

te, que também se liga semanticamente à sentença, ou seja, estabelece uma relação entre o constituinte tópico e o restante da frase, mas não possui nenhum vínculo sintático com a oração – (16).

(14) *A cachaça eu bebo todo dia, se eu todo dia eu fô lâ na praça.*

(15) *Jogo, naquele tempo o futebol era mas efetivado ainda.*

(16) *A farinha... pranto a mandioca [‘maduceu]... leva uma ano... um ano e pôco... rancô, chegô na casa de farinha, raspo... relô... botô na prensa... arrocho e tiro a água toda.*¹⁶

O *tópico cópia* ocorre quando o termo topicalizado é copiado no seu lugar interno à oração. Diferentemente do "pendente com retomada" que pode ser retomado por uma expressão genérica, esse tópico só pode ser retomado por uma cópia do mesmo elemento – o que as gramáticas normativas definem como reduplicação – (17). Já o *duplo sujeito* é o deslocamento de um termo para o início da sentença e sua retomada na posição de sujeito canônico por um pronome lexical, são chamadas de "duplo sujeito" porque o sintagma deslocado geralmente ocupava a posição canônica de sujeito, sendo o responsável por gerar concordância na frase – (18). Esse processo de gerar concordância acontece também com o *tópico sujeito* no qual o tópico se impõe como sujeito e mantém uma relação de concordância com o verbo, deixando este de concordar com o seu “verdadeiro” argumento externo – (19). Ou seja, segundo Eunice Pontes (1987) nas construções de tópico o tópico está na posição de sujeito, que é a primeira da oração, e o sujeito está na posição de objeto (depois do verbo); confunde-se essa frase com as de estruturas SVO, e a concordância passa a se fazer com o tópico-sujeito.

(17) *Aí o tratô... a carreta empurrô o tratô, e aí desceu a ladêra abaxo lixado.*

(18) *A sussuarana, ela pensa carnêro tá no mato, que... que "cê num tocô, elas vai no rebanho e mata.*

(19) *Os jogadores estão crescendo o cabelo.*¹⁷

E por último, ficam duas estruturas bem semelhantes: o *tópico locativo* e a *topicalização selvagem* – respectivamente, (20) e (21). Esta se caracteriza pelo deslocamento de um sintagma preposicionado para o início da sentença, sendo que durante esse movimento a preposição que o acompanha é apagada. Já no "locativo" o sintagma preposicionado é des-

¹⁶ Exemplos retirados de Eivalda Alves Araújo (2009), sendo, respectivamente, (7), (13), (39).

¹⁷ Exemplos retirados de Eivalda Alves Araújo (2009), sendo, respectivamente, (25), (42), (27a).

locado regido por sua preposição, possuindo o sintagma nominal uma ideia de lugar.

(20) *Nesse sertão nosso aqui tem cascavel demais.*

(21) *Futebol, a gente brincava, né...*¹⁸

Percebe-se com essas definições que em português brasileiro qualquer sintagma pode ser topicalizado. Devendo sua análise fundamentar-se no nível tanto do discurso como da sintaxe, evidenciando a articulação sintático-discursiva do tópico.

3. Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho foi a de pesquisa bibliográfica, durante a qual consultamos alguns compêndios normativos, sendo Evanildo Cavalcante Bechara (2005), Celso Cunha e Luís Felipe Lindley Cintra (2001), Carlos Emílio Faraco e Francisco Marto de Moura (1999), com o objetivo de analisar as definições trazidas por esses autores no que correspondem às figuras de sintaxe e compará-las com as definições apresentadas por Edivalda Alves Araújo (2009) para as construções de tópico. E como material de análise tomamos um *corpus* oral de língua materna, selecionados da *Coleção Amostra da Língua Falada no Semiárido* (2008). O *corpus* é constituído de nove inquiridos e possui informantes de ambos os sexos, feminino (F) e masculino (M); de diferentes faixas etárias, sendo I faixa (I) de 17-27 anos, II faixa (II) de 40-59 anos e III faixa de 68 anos acima; os informantes são alfabetizados (A), ou possuem os primeiros anos do ensino fundamental (F). Durante a seleção dos dados, percebemos que tanto informante como documentador produziam as construções de tópico, o que comprova o caráter discursivo do tópico como informação compartilhada entre os informantes. Por isso, nos exemplos optamos por não discriminar o que era fala do "documentador" ou do "informante".

Assim, temos as seguintes identificações:

Tabela 1: Dados dos Informantes

Nome	Comunidade	Sexo	Idade	Escolaridade	Identificação no Corpus
MN	Paraguaçu	F	68	A	P-MN.F.III.A
LM	Paraguaçu	F	59	1F	P-LM.F.II.1F

¹⁸ Exemplos retirados de Edivalda Alves Araújo (2009), sendo, respectivamente, (48), (44).

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

APS	Paraguaçu	M	40	2F	P-APS.M.II.2F
MTS	Anselino da Fonseca	M	73	A	AF-MTS.M.III.A
VML	Anselino da Fonseca	F	74	A	AF-VML.F.III.A
J	Anselino da Fonseca	F	± 70	A	AF-J.F.III.A
A	Rio de Contas	M	25	4F	RC-A.M.I.4F
JAM	Rio de Contas	M	17	3F	RC-JAM.M.I.3F
IPSL	Rio de Contas	F	27	3F	RC-IPSL.F.I.3F

No *corpus*, foram encontradas, aproximadamente, cerca de 897 construções de tópico¹⁹, sendo elas de todos os tipos:

(22) Ah, *maturi* tem muito (P-LM.F.II.1F.)

(23) E negócio de novela *todas elas* eu assisto, mas essa da seis qu'eu gosto mais (P-MN.F.III.A.)

(24)[...] *qu'eu sou armador*, a gente trabalha na parte da ferragem, entendeu? (P-APS.M.II.2F.)

(25) *Ração*, mas num sustentou dá ração não (AF.MTS.M.III.A.)

(26)[...] o prefeito aqui, *eles* quer subir e a gente descer (P-MN.F.III.A.)

(27)É: a *terra* é d'um gendo meu, aí agora, ele dá a gente pra trabaiair (AF-J.F.III.A.)

(28) *No comércio mesmo*, é que tem quanto tempo que o senhor mora? (AF-MTS.M.III.A.)

(29) *Salvador*, já trabalhei (P-APS.M.II.2F.)

Em (23) tem-se a topicalização do sintagma nominal *maturi* que tem a função sintática de objeto direto, portanto uma "topicalização do objeto direto". Em (24) o sintagma nominal *negócio de novela* mantém uma relação semântica de continente/contido com o sintagma nominal *todas elas*, sendo assim um "tópico pendente com retomada". Esse mesmo tópico ocorre em (25), com a diferença de quem neste ele não tem um lugar sintático na sentença, ligado a esta apenas semanticamente, sendo, portanto, um "pendente" – sem retomada. Em (26) é visível a cópia do sintagma nominal *ração*, tratando-se de um tópico cópia. O sintagma nominal *o prefeito aqui* em (27) é retomado sintaticamente pelo pronome lexical *eles* funcionando como sujeito canônico da oração – neste exemplo temos um "duplo sujeito". Em (28) essa função de sujeito se mistura com a de tópico, sendo o sintagma nominal *a terra* um tópico – em sua função discursiva – e um sujeito – em sua função sintática –, ou seja, um

¹⁹ Com o objetivo desse trabalho é uma discussão sobre as definições de determinadas construções como figuras de sintaxe ou construções de tópico, não houve uma preocupação em contabilizar os dados.

"tópico sujeito". Nos exemplos (29) e (30) temos um sintagma preposicionado deslocado à esquerda, sendo um com preposição *no comércio*, característica do "tópico locativo" e um sem a preposição *Salvador*, algo próprio da "topicalização selvagem".

Com esses exemplos, percebemos que as construções de tópico são realizações comuns na produção linguística do falante. E, além de comuns, são produções reais e não construções literárias que geralmente são tomadas como exemplos para as definições das figuras de sintaxe. E partindo desses pressupostos pode-se afirmar que as construções definidas pelas gramáticas normativas como figuras de sintaxe são, na verdade, construções de tópico – evidenciando a dupla articulação do português brasileiro como língua com proeminência de "sujeito" e "tópico", no qual as duas noções estão mescladas e tornar-se difícil sua distinção. Contudo, essa distinção é ignorada pelas gramáticas normativas e, consequentemente, pelas escolas no ensino da língua.

4. Figuras de sintaxe ou construções de tópico?

Durante a análise do *corpus*, percebeu-se que as construções de tópico apresentam as mesmas características das definições de figuras de sintaxe apresentadas pelos compêndios gramaticais como: (i) as figuras de sintaxe são disposições inesperadas, incomuns, dos constituintes na frase. Estes se deslocam do seu lugar canônico, podendo ocupar qualquer lugar na sentença, licenciando outras estruturas como XSV, VSX entre outras. Uma característica comum também às construções de tópico, nas quais "qualquer sintagma nominal pode ser tópico" (PONTES, 1987, p. 18), ou seja, qualquer sintagma pode ser movido, deslocado, seja à direita²⁰, seja à esquerda; (ii) as figuras de sintaxe são definidas como um desvio da estrutura-padrão (ou canônica) da frase, sendo isso, nas construções de tópico, fator responsável pela construção da estrutura informacional da sentença.

4.1. O corpus

Assim, com o objetivo de desconstruir a visão homogênea do português brasileiro proposta pelas gramáticas normativas e de comprovar

²⁰ Dentro das construções de tópico os deslocamentos à direita são raros e "bem menos frequente" (PERINI, 2006, p.1994).

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

sua dupla predicação – como já fizeram diversos trabalhos como o de Eunice Pontes (1987) e Edivalda Alves Araújo (2006, 2009) – apresentaram-se algumas construções encontradas no *corpus*.

(30) *Fogueira*, tem, claro (P-APS.M.II.2F.)

(31) *Mah as passagem* agora, quem pode comprar Ø mais com essa carestia que [inint] (AF-J.F.III.A.)

(32) É, *trinta ano de casada* que'u vou fazer (P.LM.F.II.1F.)

(33) *Dois milhão e quinhento*, eu não dê... eu num dê porque o dinheiro não tava inteirado senão tinha dado (AF-MTS.M.III.A.)

Em (30) – (33) os sintagmas destacados têm a função sintática de objeto direto, sendo este deslocado à esquerda, caracterizando uma "topicalização do objeto direto". Mas, segundo as gramáticas normativas, esse tipo de construção é definido como "anástrofe", que refere-se a uma inversão na ordem canônica dos constituintes. Algo comum de acontecer com as construções de tópico, seja porque qualquer sintagma pode ser topicalizado, seja pela sua estruturação informacional.

(34)[...] *Coisa bonita*, aqui essas coisas num tem não (AF-MTS.M.III.A.)

(35) E negócio de novela *todas elas* eu assisto, mas essa da seis qu'eu gosto mais (P-MN.F.III.A.)

(36) *Minhas irmã*, umas é casada, uma mehma é dona daquele bar, tem outras que trabalhava em Salvador, tem ainda qu'é estudante, estuda (P-APS.M.II.2F.)

(37) *Aí óh*, Catarina e Petruquio, [rindo], eu gosto de ver *eles* dois andar brigano (P-MN.F.III.A.)

Essas construções são exemplos de "tópico pendente com retomada", nas quais o sintagma topicalizado tem uma ligação semântica e sintática com a sentença, uma vez que possui um lugar interno nesta, que pode ser preenchido por um pronome demonstrativo como em (34), expressão genérica em (35), pronome indefinido em (36), pronome pessoal na posição de objeto direto em (37), entre outros apresentados por Edivalda Alves Araújo (2009). No entanto, essas construções aparecem definidas como "anacolutos" nas gramáticas normativas devido a esse rompimento sintático, ou quebra lógica segundo Carlos Emílio Faraco e Francisco Marto de Moura (1999). Mas são construções possíveis e reais dentro do português brasileiro, compreendidas tanto por quem fala/escreve como porque ouve/ler. Acredita-se que o problema é que as gramáticas normativas tomam, geralmente, exemplos de clássicos da literatura, como Celso Cunha e Luís Felipe Lindley Cintra (2001) que usam

exemplos de Cassimiro de Abreu e José Lins do Rego, ou seja, não são construções naturais, mas pensadas e articuladas pelos autores. Com isso, não se quer dizer que *os falantes* não pensem naquilo que produzem, mas não o *faz* como fazem os autores literários.

(38) *Eu mehmo com esse negócio de eleição, aí minha fia conseguiu um carro pra me levar em Muritiba, pronto* (P-MN.F.III.A.)

(39) – E como foi assim a criação dos filhos.

– *A criação dos filhos, graças a Deus, foi bem [...]* (P-LM.F.II.1F)

(40) *Era... era... qu'eu sou armador, a gente trabalha na parte da ferragem, entendeu?* (P-APS.M.II.2F.).

(41) – Mataru por quê assim? A senhora sabe?

– *Quem sabe muié! Mataru o uto ele taha mais um colega...* (AF-J.F.III.A.)

A diferença entre as construções de (34) – (37) e (38) – (41) consiste na não retomada interna dos elementos topicalizados nestas. Ou seja, (38) – (41) são exemplos de construções de "tópico pendente", este se caracteriza pela presença de um sintagma tópico, mas que não estabelece nenhuma ligação sintática com o restante da frase – por isso a ausência de retomada. A ligação estabelecida entre o constituinte tópico e o restante da sentença é semântica (discursiva) – esse sintagma está presente no contexto de produção linguística dos falantes e, conseqüentemente, na mente dos falantes. Semelhante às construções de "tópico pendente com retomada" estas são classificadas pelas gramáticas normativas como anacolutos, devido a essa quebra da estrutura sintática. Mas, algumas construções de "tópico pendente" assemelham-se às construções definidas como "anadiplose", que, segundo Carlos Emílio Faraco e Francisco Mar- to de Moura (1999, p. 575), "consiste em repetir, no início de uma oração ou de um verso, a última palavra da oração ou verso anterior", como é o caso do exemplo (39), no qual o último sintagma nominal da primeira sentença (*a criação dos filhos*) é repetido na sentença seguinte. Portanto, as construções de "tópico pendente" apresentam estruturas frasais tanto dos anacolutos, como das anadiploses.

(42) *Mamãe, não chore não mamãe.* (AF-VLM.F.III.A.)

(43) *Deu uma chuva, deu uma chuva boa aqui quarta-feira.* (AF-J.F.III.A.)

(44) *Jacu, Jacu fica muito próximo daqui?* (P-APS.M.II.2F.)

(45) *Três mês, o feijão é três mês* (P-LM.F.II.1F)

As sentenças em (42) – (45) apresentam de maneira clara o problema das definições de determinadas estruturas como figuras de sintaxe.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Segundo as gramáticas normativas essas construções são de "repetição ou reduplicação", que, como dizem Carlos Emílio Faraco e Francisco Marto de Moura (1999, p. 586), "consiste na repetição de palavras ou expressões com finalidade estilística de reforçar uma ideia". E considerando que todo falante possui a criatividade²¹ e, conseqüentemente, um estilo de produção, essa "finalidade estilística" refere-se a todos os falantes e não somente aos clássicos literários (porque não se está falando em licença poética) – exemplos comumente tomados pelas gramáticas normativas. Se observadas a partir das estruturas de tópico-comentário essas construções apresentam a estrutura de "tópico cópia" que, diferente do "tópico pendente com retomada" por realizar, como afirma Edivalda Alves Araújo (2009), "a retomada interna à oração [...] pela cópia do termo topicalizado" (p. 237).

(46) *A mais velha*, então ela é mah nova do que ele...[...] (AF-J.F.III.A.)

(47) *Vereadores* eles não vem aqui também? (P-APS.M.II.2F.)

(48) [...] *o prefeito* aqui, eles quer subir e a gente descer (P-MN.F.III.A.)

(49) *Folha* [inint] eu vejo, ela só matava assim (AF-J.F.III.A.)

(50) E *o prefeito* ele vem sempre aqui?

As construções em (46) – (50) são semelhantes às anteriores, a diferença consiste que a reduplicação nestas se dá por um elemento semanticamente ligado ao tópico – no caso o pronome de terceira pessoa do singular, nas formas "ele/ela, eles/elas". Como em (38) no qual a informante fala do atual prefeito da cidade ("o prefeito") que não liga para as comunidades afastadas do centro e depois amplia para todos os prefeitos ("eles") que só aparecem em tempo de eleição, só querem subir e ver o povo descer. São construções semelhantes às de tópico pendente com retomada, mas a diferença é que essas construções possuem sempre um pronome pessoal na posição de sujeito que retoma o tópico da sentença, sendo, portanto, uma construção de "duplo sujeito". Assim, as construções de "duplo sujeito" apresentam a "repetição" definida como figura de sintaxe, sendo essa repetição realizada por um elemento semanticamente ligado ao outro.

²¹ Para Noam Chomsky esse é um dos atributos pelo qual os seres humanos podem agir de maneira criadora em situações linguísticas específicas, ou seja, "podem proferir e compreender sentenças imprevisíveis, isto é, produzidas independentemente de estímulo, embora condicionadas por limites gramaticais". (MUNHOZ, 2011, p. 14)

(51)[...] E morano um... um pra nada. *O pra nada* já tem uma muié que tem bem uns... [...] (AF-VLM.F.III.A.)

(52)*Minha infância* foi muito trabalhista (P-APS.M.II.2F)

(53)*Farinha* aqui sabe quanto é que tá um prato? (AF-J.F.III.A.)

(54)Ah, *maturi* tem muito (P-LM.F.II.1F.)²²

As construções (51) – (54) apresentam um sintagma nominal no início que parece ocupar a posição de sujeito. Mas se observadas em seu contexto de produção são, na verdade, construções de "tópico sujeito". Esse tipo de construção tem como característica o deslocamento à esquerda de um sintagma interno à oração que se impõe como sujeito, uma vez que mantém uma relação de concordância com o verbo – apesar de não ser o argumento externo desse – como o sintagma nominal *farinha* em (53) que é o argumento interno do verbo preposto e que gera concordância. Essas construções podem ainda apresentar um tópico discursivo ocupando a posição de sujeito, como é o caso do sintagma nominal *o pra nada* em (51), que sintaticamente é sujeito e discursivamente é tópico. Com isso, pode-se estabelecer uma relação entre o "tópico sujeito" e duas definições de figuras de sintaxe: "anadiplose" e "hipérbato". Esta pela inversão violenta²³ realizada na ordem canônica da frase, uma vez que a concordância não é realizada com o sujeito /mas com o tópico – ou com o tópico-sujeito –; acredita-se que seja essa "nova concordância" o violento definido pelas gramáticas normativas. Já com a "anadiplose" a relação pode ser estabelecida, particularmente, com o sintagma que ocupando a posição discursiva de tópico, ocupa também a de sujeito canônico, como o sintagma nominal *o pra nada* em (51). A anadiplose consiste nessa repetição de um sintagma que já foi realizado anteriormente, algo utilizado pelas construções de tópico como mecanismo de continuidade discursiva.

(55)É que *nessa seca né*, tem pouco trabalho? (F-J.F.III.A.)

(56)*No comércio mesmo*, é que tem quanto tempo que o senhor mora (AF-MTS.M.III.A.)

Essas construções, (55) – (56), se analisadas a partir da predicação tópico-comentário, são estruturas de "tópico locativo", ou seja, temos um

²² Observe-se que o verbo "ter" nos exemplos (51) e (53) possuem sentido de existir, o que difere o português brasileiro do português europeu, mas esse não é o objetivo deste trabalho.

²³ Essa ideia de inversão violenta é apresentada por todos os compêndios normativos, mas com diferentes nomenclaturas.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

sintagma nominal que indica a ideia de lugar e que, diferente da selvagem, apresenta um sintagma preposicionado deslocado regido por sua preposição. Devido a essas características (movimento e regência) podem ser comparadas às definições de "anástrofe" e "prolepse" apresentadas pelas gramáticas normativas. Prolepse pelo seu deslocamento à esquerda, já que, segundo Celso Cunha e Luís Felipe Lindley Cintra (2001, p. 628), esta "consiste na deslocação de um termo de uma oração para outra que a preceda". E sua relação com a anástrofe é, também, devido a esse deslocamento, que diferente do "hipérbato" por não ocorrer nenhuma mudança sintática na frase, ou seja, ocorre somente o deslocamento. Contudo, algumas vezes a presença da preposição pode parecer "violenta"²⁴ para aqueles que estavam fora do contexto de produção da sentença.

(57) *De armação* mesmo que o senhor trabalhava? (P-APS.M.II.2F.)

(58) *E de abacaxi*, como é que faz? (P-LM.F.II.1F.)

Em relação às construções (55) e (56) foram apresentados somente dois exemplos porque acredito que existe um problema em sua definição. Durante análise do *corpus* encontramos SPs deslocados à esquerda que não são locativos, como (57) – (58). Então, levantou-se a hipótese de que o "tópico locativo" pode deslocar qualquer sintagma preposicionado regido com sua devida preposição, expandido assim a definição de Edivalda Alves Araújo (2009) que o define somente como um "locativo, que funciona como adjunto ou de verbos existências ou de verbos tradicionalmente considerados intransitivos" (p. 242). Mas essa questão será abordada em outro momento.

(59) *Salvador*, já trabalhei (P-APS.M.II.2F.) (...trabalhei *em Salvador*)

(60) *E o sal*, cê falou? (P-LM.F.II.1F.) (cê falou *do sal*?)

(61) Não, *cebola* eu já falei (P-LM.F.II.1F.) (...falei *de cebola*)

(62) *Curador e crente* não quero nem conversa (AF-MTS.M.III.A.)
(... conversa *com curador e crente*.)

As construções (59) – (62) são exemplos de "topicalização selvagem". Nesta temos um sintagma preposicionado deslocado à esquerda, mas durante esse movimento ocorre o apagamento da preposição regente. Devido a esse apagamento, consideramos que essas estruturas possuem uma semelhança com a figura de sintaxe "hipérbato", já que esta é defi-

²⁴ Ao referir-se à violência faz-se menção à gramática normativa que analisa a língua fora do seu contexto de produção e por isso define determinadas construções como violenta devido à sua estruturação.

nida como “uma inversão violenta” (FARACO & MOURA, 1999, p. 579). E se com o tópico sujeito considerou-se “violento” a “nova concordância” do verbo, aqui considera-se violento o apagamento da preposição.

5. *Considerações finais*

A desconstrução da homogeneização linguística proposta pela escola, objetivo deste trabalho, foi feita pela comparação entre as definições das figuras de sintaxes propostas pelas gramáticas normativas, e das construções de tópicos encontradas na literatura gerativista com base, particularmente, na tipologista proposta por Edivalda Alves Araújo (2009). Com isso, pode-se observar que as estruturas “mal-formadas” das figuras de sintaxe são, na verdade, outro tipo de predicação existente em todas as línguas humanas, com maior ou menor predominância – a predicação do tipo tópico-comentário.

O tópico é um elemento compartilhando entre os interlocutores do ato comunicativo, que por sua vez é seguido de um comentário – geralmente de conhecimento somente de um dos interlocutores, sendo uma informação nova para o outro. Esse sintagma que funciona como tópico pode tanto ser deslocado da própria oração para o início da sentença, como retomado do contexto discursivo – ou mesmo possuindo essas duas relações²⁵.

Assim, pode-se perceber que as estruturas frasais definidas como “anástrofe”²⁶, que se caracterizam por uma inversão na ordem canônica dos constituintes, podem ser definidas, a partir da predicação de tópico-comentário, como “topicalização do objeto direto” ou “tópico locativo”.

²⁵ Contudo, alguns gramáticos-linguistas já começaram a observar essas falhas na análise sintática das frases, sejam elas orais ou escritas. Chamado a atenção para a produção linguística real dos indivíduos e não uma construção hipotética ou descontextualizada. Mário Alberto Perini é um desses gramáticos-linguistas que se dedica a esse(s) problema(s) de análise. Segundo ele, esse problema é consequência de se considerarem somente produções linguísticas escritas, mas, destaca ele, a maioria das produções linguísticas são orais – e é exatamente na oralidade que as análises sintáticas mostram suas limitações (2006, p. 189). Mário Alberto Perini reconhece essa função sintático-discursiva de alguns sintagmas e começa a abordar o “tópico sentencial” e o “tópico discursivo”. (2006, p. 189-201)

²⁶ Esse tipo de figura de sintaxe é convergente com a maioria dos tipos de tópico, uma vez que este se caracteriza por uma inversão na ordem canônica. Mas para fins didáticos preferiu-se relacioná-la com um tipo de tópico específico.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Essa relação pode ser feita porque essas estruturas de tópico se caracterizam pelo deslocamento de um sintagma da sua posição canônica para o início da sentença, a inversão definida pelas gramáticas normativas. Os "tópicos locativos" apresentam ainda uma característica comum a "prolepse" que é esse movimento de um sintagma nominal para uma oração que a preceda e nesse caso, geralmente, para o início da sentença.

Segundo as gramáticas normativas, algumas estruturas frasais apresentam uma quebra lógica (sintática), sendo definidas como "anacolutos". No entanto, quando analisadas no plano discursivo pode-se perceber que essas estruturas sintaticamente "quebradas" apresentam uma construção lógica do pensamento, algo que o próprio Evanildo Cavalcante Bechara (2005) já havia observado ao dizer que essa quebra é consequência da falta de ideias que se sucedem rapidamente no pensamento do produtor da comunicação. Assim, percebe-se que essas estruturas apresentam uma convergência com as definições de "tópico pendente com retomada" e "tópico pendente", uma vez que elas se articulam principalmente no nível discursivo – e, portanto, no nível do pensamento –, ou seja, as estruturas parecem romper com o restante da frase, mas permanecem ligadas semanticamente. As estruturas de "tópico pendente", geralmente, apresentam um sintagma nominal que foi retomado de uma sentença anterior, como forma de dar continuidade ao discurso, e o que segue – o comentário – está semanticamente ligado a esse sintagma nominal. Com isso, o "tópico pendente" apresenta a característica da figura de sintaxe "anadiplose" que consiste nessa repetição, no início da sentença, do termo de uma sentença anterior.

As estruturas de "tópico cópia" apresentam, por sua vez, uma relação evidente com a definição da figura de sintaxe "repetição ou reduplicação", pois esta consiste na repetição de um termo com o objetivo de dar ênfase. O "tópico cópia" realiza essa reduplicação com o mesmo objetivo: dar um enfoque a determinado constituinte que é importante para a estrutura da informação da sentença. O sintagma nominal pode ser copiado, também, para satisfazer uma necessidade sintática. A "repetição" também apresenta uma estrutura de "tópico duplo sujeito", sendo que nesta os elementos copiados não são idênticos, mas estão ligados semanticamente.

As estruturas de "tópico sujeito" apresentam características de construções definidas como "anadiplose" e "hipérbato". Com esta porque o sintagma nominal que gera concordância com o verbo pode não ser o sujeito canônico da oração, considerando-se essa "nova concordância" a

atitude violenta definida pelas gramáticas normativas. E com a "anadiplose" porque o sintagma nominal que inicia a oração ocupa a posição tanto de sujeito, como de tópico, sendo este um constituinte discursivo e que pode ser retomado de uma oração anterior. Também as construções de "tópico selvagem" possuem uma estrutura que segundo as gramáticas normativas são de "hipérbato", que se caracteriza por uma inversão violenta e considera-se nesse tipo de tópico "violento" o apagamento da preposição que rege o sintagma preposicionado durante o movimento desse sintagma para o início da sentença.

Percebe-se, então, o equívoco das gramáticas normativas ao considerarem o português brasileiro como uma língua com proeminência de estruturas sujeito-predicado. Porque diversos estudos na linha desse trabalho, como de Eunice Pontes (1987) e Edivalda Alves Araújo (2006, 2009), já evidenciaram a dupla articulação do português brasileiro, constando que essa é uma língua na qual as noções de sujeito-predicado e tópico-comentário existem e estão mescladas entre si, sendo difícil a sua distinção. Essa dupla predicação é ignorada pelas gramáticas normativas e consequentemente pelas escolas no ensino da língua. Sendo essa rejeição causada pela forte influência da gramática normativa nos países de língua portuguesa.

Com isso, constatou-se nesse trabalho que as construções definidas como "figuras de sintaxe" possuem a estrutura de tópico-comentário. Sendo o português brasileiro, portanto, uma língua com proeminência tanto de tópico como de sujeito e essas formas de predicação não podem ser consideradas superiores ou inferiores em relação à outra, mas formas de construções linguísticas presentes e possíveis nessa língua; não podendo serem desconsideradas ou "relegadas ao gueto das construções mal formadas" (PERINI, 2006, p. 189), uma vez que são construções possíveis, frequentes e reais na língua de falantes nativos de português, como observou-se no *corpus* desse trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. (Orgs.). *Coleção amostras da língua falada no semiárido baiano*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008. 4 CDs.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

ARAÚJO, Edivalda Alves. As construções de tópico. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009.

_____. *As construções de tópico do português dos séculos XVIII e XIX: uma análise sintático-discursiva*. 2006. Tese (de doutorado). – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. *Gramática*. 18 ed. São Paulo: Ática, 1999.

KENEDY, Eduardo. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed., 2ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2013.

MUNHOZ, Ana Terra. *A estrutura argumental das construções de tópico-sujeito: o caso dos sujeitos locativos*. 2011. Dissertação (de mestrado). – Universidade de Brasília, Brasília.

PERINI, Mário Alberto. *Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical*. São Paulo: Parábola, 2006.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

SILVA, Jacson Baldoíno da. O tópico no português do semiárido: uma análise da topicalização do objeto direto. In: I Encontro de Gramática Gerativa. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2015.

TRASK, Robert Lawrence. *Dicionário de linguagem e linguística*. Trad.: Rodolfo Ilari; revisão técnica Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Thaís Cristóvão Silva. São Paulo: Contexto, 2004.